



## Violência verbal em discurso de posicionamento político em interação *online*

Verbal violence in political discursive positions  
in *online* interactions

 Jarbas Vargas Nascimento

 Jonatas Eliakim

 Creone Coutinho

**Resumo:** Este artigo tem como tema o estudo da violência verbal em discursos produzidos em interação *online*. Em todas as sociedades humanas ocorrem ações de indignação, oposição e violência, principalmente quando o que está em disputa é o poder. E o fenômeno das redes sociais tem potencializado manifestações radicais de força, de agressividade e de dominação sobre o outro, particularmente, por meio de estratégias e expressões verbais reveladoras de violência. Com base nisso, objetivamos examinar formas de violência verbal, sobretudo, em práticas discursivas em manifestações de interação política, na mídia. Para colocar a violência verbal em foco, apoiamos-nos na Análise do Discurso de linha francesa (AD), nas perspectivas enunciativo-discursivas propostas por Dominique Maingueneau, na medida em que valorizam

---

Jarbas Vargas Nascimento. Pós-doutor em Letras (PUC-SP/UFES);  
jvnf1@yahoo.com.br;

Jonatas Eliakim. Mestre em Língua Portuguesa (PUC-SP);  
jonataseliakim@gmail.com;

Creone Coutinho. Mestre em Linguística (PUC-SP); creonecoutinho@gmail.com;



o sujeito e investem na manutenção do equilíbrio entre o funcionamento do discurso e a compreensão de fenômenos sócio-histórico-políticos em circulação em nossa sociedade. Para a análise, foi constituído um *corpus*, composto de comentários a um discurso político veiculado pelo canal no *Youtube* do jornal digital *Poder360*. Os resultados da análise apontam apagamento da dignidade do sujeito, marcado pelas condições da política na mídia que, como instância de produção discursiva, aciona uma contínua negociação de efeitos de sentido.

**Palavras-chave:** Análise do discurso. Violência verbal. Política. Mídia.

**Abstract:** This article has as its theme the study of verbal violence in speeches produced in online interaction. In all human societies, actions of indignation, opposition and violence occur, especially when what is in dispute is power. And the phenomenon of social networks has potentiated radical manifestations of force, aggression, and domination over the other, particularly through strategies and verbal expressions that reveal violence. Based on this, we aim to examine forms of verbal violence, especially in discursive practices in manifestations of political interaction, in the media. To focus the verbal violence, we rely on the French Discourse Analysis (AD), on the enunciative-discursive perspectives proposed by Dominique Maingueneau, insofar as they value the subject and invest in maintaining the balance between the functioning of the discourse and the understanding of socio-historical-political phenomena in circulation in our society. For the analysis, a corpus was constituted, composed of comments to a political speech broadcast by the Youtube channel of the digital newspaper Poder360. The results of the analysis point to the erasure of the subject's dignity, marked by the conditions of politics in the media that, as an instance of discursive production, triggers a continuous negotiation of meaning effects.

**Keywords:** Discourse analysis. Verbal violence. Politics. Media.



## Considerações iniciais

A violência verbal resultante de interação nas redes sociais impõe desafios linguístico-discursivos e comportamentais ao pesquisador, que deve levar em conta a relação de poder na interação verbal e a autonomia dos pontos de vista dos interactantes, instalados na cenografia, para expressar posicionamentos e subjetividades. A ideia de estudar a violência verbal na interação *online* nasceu, quando percebemos que as novas tecnologias eletrônicas e digitais de comunicação possibilitaram o acesso à internet e a libertação do indivíduo de certas amarras na relação face a face da vida cotidiana, trazendo a falsa sensação de anonimato e impunidade. A internet permite e incentiva uma maior interatividade, na mesma medida em que *sites* de relacionamento e aplicativos de comunicação proporcionam contato imediato, em tempo real, com notícias e informações da vida social. De modo geral, podemos dizer que as mídias sociais como *Youtube* e *Facebook*, por exemplo, não só prestam para intensificar e conectar de modo produtivo os seres humanos, como também podem ser utilizadas para atacar, acusar e praticar violência verbal contra indivíduos, grupos ou instituições.

Em 2018, verificamos que, no Brasil, a campanha eleitoral para Presidente da República, foi marcada pela excessiva utilização das redes sociais por parte dos candidatos em disputa. Eles se serviram, exaustivamente, das novas mídias digitais e, pela primeira vez no país, devido a uma campanha quase em sua to-



talidade, na mídia, um candidato, com apenas 8<sup>1</sup> segundos na mídia tradicional, desbancou outros presidenciáveis com tempo muito superior ao dele. Isso nos leva a inferir que as redes sociais tiveram papel relevante num pleito político e, por isso, tornaram-se instrumentos eficientes de promoção da comunicação e da circulação de informação na contemporaneidade.

Na verdade, houve um peso social inegável dos discursos em circulação nas redes sociais, dado que resultaram em alterações de ordem política da magnitude de uma eleição presidencial. E, ainda, se considerarmos que esses mesmos discursos, por vezes, são carregados de diferentes posicionamentos, como a falsa sensação de anonimato e de impunidade, temos que os discursos políticos, que circulam em meios digitais são, possivelmente, atravessados por posicionamentos de ódio e de violência.

Terreno fértil para os analistas do discurso, a violência verbal em manifestações com posicionamento político nas redes sociais pode contribuir para perspectivar novos pontos de vista sobre o papel discursivo, que caracteriza nossa sociedade como produtora de discurso. Os efeitos de sentido construídos nas redes sociais, cujas condições sócio-histórico-políticas de produção são marcadas por práticas e valores da cibercultura, levam-nos a modificar os modos de consumo dessas informações (LÉVY, 2009; LEMOS, 2002).

---

1. O então candidato à presidência do Brasil, Jair Bolsonaro, recebeu do Superior Tribunal Eleitoral (TSE), de acordo com as regras de distribuição de tempo de propaganda eleitoral nos meios de comunicação tradicionais (rádio e televisão), apenas 8 segundos em cada bloco de propaganda e onze inserções ao longo do primeiro turno da campanha eleitoral. Fonte: ESTADÃO CONTEÚDO. Bolsonaro terá 8 segundos de tempo de TV; Alckmin, 5 minutos. *Veja* (online). Publicado em: 23 ago. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-tera-8-segundos-de-tempo-de-tv-alckmin-5-minutos/>. Acesso em: 18 mar. 20.



O questionamento que nos inquieta, evidentemente, consiste em saber o modo como a cenografia, o *ethos* discursivo e o código linguageiro se manifestam em comentários políticos do *Youtube* e a forma como os interactantes constroem um discurso marcado por violência verbal. Nesse sentido, faz-se necessário apreendermos como discurso tais manifestações, pois se tratam de práticas sociais de dominação, reveladoras de esquemas de pensamentos agressivos, pré-construídos na mídia, que servem de suporte para veiculá-la como dispositivos contratuais de comunicação (CHARAUDEAU, 2015).

O objetivo geral que orienta nossa reflexão é examinar as estratégias discursivas de poder na interação *online*, considerando os posicionamentos de incitação à violência e a autonomia dos pontos de vista dos interactantes, instalados na cenografia. Objetivamos, ainda, identificar as condições sócio-históricas de produção dos discursos selecionados da mídia e relacioná-los a aspectos comunicativos, que determinam uma ação agressiva materializada no funcionamento discursivo.

Colocadas essas questões, optamos por desenvolver esse artigo com base no aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), na abordagem enunciativo-discursiva proposta por Maingueneau (2007a, 2008b, 2008c, 2013, 2015) em diálogo com Charaudeau (2015), na medida em que ambos se interessam por práticas sociais midiáticas. É-nos relevante colocar em evidência a perspectiva discursiva, pois por ela podemos articular subjetividade, posicionamento político e atitude de violência verbal como uma manifestação do cotidiano social.

Para a organização desse artigo, apresentamos, após, as considerações iniciais, as condições sócio-histórico-políticas do *corpus*



selecionado; em seguida, tratamos da violência, para respaldar a análise da manifestação verbal nos comentários no *Youtube*, que apreendemos como discursos; seguem os fundamentos teórico-metodológicos da AD e, por fim, a análise do *corpus*. Nas considerações finais, retomamos o percurso teórico-metodológico proposto e abrimos perspectivas para a continuidade da pesquisa.

### Condições sócio-históricas do discurso veiculado no *Youtube* pelo canal *Poder360*

Neste tópico, resgatamos as condições sócio-histórico-políticas de práticas sociais, que nos dão elementos para apreensão da violência verbal, materializada em comentários postados no *Youtube* pelo canal *Poder360*. Esses comentários selecionados são apreendidos como discursos e foram produzidos como reação ao discurso do então Secretário de Cultura do Presidente da República, Jair Bolsonaro, Roberto Alvim, exonerado em 2020. Em seu discurso, Alvim utilizou um recorte de um pronunciamento do político e ministro da Propaganda, na Alemanha Nazista, entre 1933 e 1945, Joseph Goebbels, causando revolta e indignação nos usuários das redes sociais.

Inicialmente, podemos afirmar que a eleição presidencial de 2018 foi marcada por muitas incertezas e especulações e acentuada por um antagonismo entre posicionamentos políticos mais à esquerda, com demandas populares e, mais à direita, com demandas elitistas. Figuravam, por um lado, a esquerda, rejeitada devido ao conhecimento popular de escândalos de corrupção nos governos anteriores, grupo representado por: Haddad (PT), Boulos (PSOL) e Ciro Gomes (PDT) e, por outro, a direita, represen-



tada pelas figuras de Alckmin (PSDB), Meireles (MDB), Marina (REDE), Bolsonaro (PSL), entre outros. Segundo Almeida (2019, p. 200), o candidato Bolsonaro (PSL) apostou em

uma série de movimentações políticas, demandas coletivas e medidas governamentais que apontam para posturas e ações mais repressivas e punitivas dos aparelhos de segurança do Estado. A redução da maioria penal, a revisão da lei do armamento, a lei antiterror, a política de encarceramento, entre outros, são ações que ampliam a violência legítima do Estado sobre a população criminosa ou não, sobretudo os mais apartados do universo dos direitos.

Em consequência da postura autoritária e o discurso ríspido de Bolsonaro, os candidatos expressavam desejo de enfrentá-lo no segundo turno, principalmente Haddad que, na percepção de Almeida (2019), necessitava confrontar um oponente também com alto índice de rejeição. Uma das ações relevantes dos apoiadores de Bolsonaro foi o uso das redes sociais para manifestações políticas que, em boa medida, ocasionou sucesso fundamental, transferindo a rejeição ao PT e a Lula para Haddad que, de pouco conhecido, passou a muito odiado. Com isso, a candidatura de Bolsonaro consolidou-se, tendo como base o discurso contra a corrupção da velha política e a bandeira do antipetismo.

A eleição presidencial de 2018 é resumida por Almeida (2019, p. 204) da seguinte forma:

Se o primeiro turno desenhou a oposição entre petismo e antipetismo (que foi capturado pelo bolsonarismo), no segundo, quase como um espelhamento, opuseram-se, na mesma medida, antipetismo e antibolsonarismo. Como as



duas candidaturas tinham alta rejeição, parte do eleitorado mais atacou o oponente do que propriamente defendeu a sua opção. Já ao centro, uma parte significativa do eleitorado rejeitava ambos; mas, diante da necessidade de uma escolha, outras derivadas da polaridade apareceram nas redes digitais: os “antipetistas contra Bolsonaro” e os “antibolsonaristas contra o PT”.

A discussão política, no segundo turno das eleições presidenciais, pautou-se no campo das moralidades. Com os candidatos utilizando todo arsenal possível, para atacar o oponente, o representante da esquerda, Fernando Haddad (PT) recorreu ao regime militar para tratar da tortura. Assim, intercalando cenas fortes de tortura com depoimentos de torturados, durante a ditadura, apela a declarações de Bolsonaro, favoráveis a esse procedimento (ALMEIDA, 2019). A finalidade dessa ação de Haddad era sensibilizar o eleitor, constringendo-o moralmente a não votar em Bolsonaro pois, como capitão do exército, estava diretamente identificado com os militares.

O candidato Bolsonaro e seus apoiadores recorreram às mídias digitais como ferramenta e contra-atacaram, com divulgação de *memes*, contrapondo entre as cenas de tortura as de fetos abortados, como forma de neutralizar também a investida moral dos progressistas. Bolsonaro, então, abraçou em seu discurso uma pauta conservadora, como afirma Almeida (2019, p. 205):

[...] Bolsonaro abraçou a pauta dos costumes, articulando-se, de um lado, com uma base parlamentar evangélica e, por outro, com o eleitor evangélico, que sempre foi sensível às questões relativas ao corpo e aos comportamentos. Seu discurso foi contrário a praticamente todas as mu-





danças concernentes à sexualidade, gênero e reprodução das últimas décadas. É contra o aborto e as causas LGBT. Combateu a chamada “ideologia de gênero”, maior espectro que assombra a população mais conservadora, gerando uma espécie de pânico moral. “O PT é uma ameaça, um perigo”, ouviu-se dos que votaram em Bolsonaro, principalmente entre os evangélicos.

Mesmo com alguns rótulos atribuídos a sua pessoa em 2018, tais como, fascista, ditador, homofóbico, Jair Bolsonaro sagrou-se vencedor no pleito, sendo eleito presidente do Brasil. Mais tarde, Bolsonaro reafirmou tanto sua postura em relação à maneira como valeu-se das mídias digitais, sem necessidade de intermediários, quanto sua relação com os diversos setores da sociedade sobre as pautas assumidas, principalmente as relacionadas a questões morais e econômicas. As caracterizações acima atribuídas a Bolsonaro permanecem em 2020 e retornam nos comentários da interação *online* produzida pelo discurso de Alvim.

É nessa sociedade polarizada e conflitiva politicamente que uma linha política, mais à direita, ascende ao poder. Eleito, enfim, Jair Bolsonaro formou a sua equipe de governo, guiado por compromissos assumidos com a base eleitoral, escolhendo para exercer cargos do primeiro escalão pessoas alinhadas com seu posicionamento, como Roberto Alvim. Sob essa condição de legitimidade adquirida e assumida, é produzido o discurso de Alvim, ex-Secretário de Cultura do Governo, cujo conteúdo foi veiculado no *Youtube* pelo canal *Poder360*, recebendo reações de interlocutores, em interação *online*, que tomamos como objeto de análise.



## Refletindo sobre a noção de violência

Para tratarmos de violência verbal em práticas sociais da mídia, colocamos em foco esse fenômeno, que ronda nossa sociedade, principalmente, na atualidade, em atividades de interação. São inúmeros autores que discorrem sobre a violência, ampliando sua capacidade de uso e acrescentando características peculiares a seu conceito, de acordo com a perspectiva teórica. Entre esses autores, destacamos Stoppino (1998, p. 1291) que, em seu exaustivo estudo, ressalta que a prática da violência se aplica a

[...] quem tortura, fere ou mata; quem, não obstante a resistência, imobiliza ou manipula o corpo de outro; quem impede materialmente outro de cumprir determinada ação. Geralmente a violência é exercida contra a vontade da vítima.

Outra noção de violência, que nos interessa, encontramos em Zizek (2014), quando postula que ela se apresenta subjetiva, quando é bem visível e evidenciada pelos indivíduos em revoltas e atentados e objetiva, quando é menos perceptível e está camuflada no cotidiano com aparência de normalidade. Para Zizek, a violência objetiva se mostra, na realidade, de duas formas: sistêmica e simbólica. A violência sistêmica, por um lado, se apresenta nas estruturas sociais como resultado do sistema político e econômico; por outro lado, a simbólica se dá por meio da linguagem, mediante discursos impositivos. Nas análises que fazemos, utilizamos o conceito de violência sistêmica e simbólica proposta por Zizek (2014), pois que a primeira está diluída no sistema po-



lítico, e a segunda, na linguagem. O discurso de Alvim evidencia a utilização do sistema político e da linguagem, na tentativa de concretizar ou normalizar a violência no cotidiano das pessoas, representado também nas redes sociais, na interação *online*. Observamos que as manifestações de violência, que se apresentam na sociedade brasileira, nada mais são do que uma luta ideológica produzida no seio da própria sociedade.

É preciso considerar que, pela abordagem de Bourdieu (2001, p. 11), o poder simbólico enquanto “[...] instrumento estruturante e estruturado de comunicação e de conhecimento dá a base, para que os sistemas simbólicos cumpram sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação”, pois a estruturação desses sistemas contribui para garantir a dominação de uma classe sobre outra, a violência simbólica. Assim, as diferentes classes estão numa constante luta simbólica, na tentativa de imporem uma perspectiva de mundo, mais alinhada a seus interesses, e “imporem o campo das tomadas de posições ideológicas, reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais” (BOURDIEU, 2001, p. 12). A luta pode ser conduzida diretamente na vida cotidiana ou por “procuração”. Entretanto, o que está em disputa nada mais é do que o “monopólio da violência simbólica legítima”, ou seja, a capacidade de uma classe impor sobre outra a sua vontade, por meio de instrumentos de conhecimento e expressão, disseminados na realidade social; mas ignorado por ela, resultando, assim, em uma naturalização da dominação.

Outra noção de violência que pode complementar nossa reflexão encontra-se em Arendt (1985), quando a autora analisa a violência nos domínios da política. Embora Arendt relute em



conceituar a violência como fenômeno, atribui a ela um caráter instrumental, ao postular que:

a “violência”, finalmente, como já disse, distingue-se por seu caráter instrumental. Do ponto de vista fenomenológico, está ela próxima do vigor, uma vez que os instrumentos de violência, como todos os demais, são concebidos e usados para o propósito da multiplicação do vigor natural até que, no último estágio de desenvolvimento possam substituí-lo (ARENDDT, 1985, p. 29).

Arendt (1985) não reconhece essas distinções como arbitrárias, pois dificilmente retratam o mundo real de onde são retiradas. Ela aborda a violência apenas no interior do campo político e rejeita a perspectiva que considera idênticas violência e poder. Na concepção da autora, poder e violência se opõem; contudo, o domínio de um sobre o outro, de forma absoluta, significa a ausência do outro. Na verdade, a violência se apresenta, quando o poder está em perigo pois, se o processo natural acontecer, resulta no desaparecimento do poder. Para Arendt (1985, p. 44), é incorreto pensar na “não-violência como oposto à violência. Falar do poder não-violento é realmente redundância, porque a violência pode destruir o poder, mas é incapaz de criá-lo.” A violência verbal nos comentários engatilhados pelo discurso de Alvim, mostra que a violência não se apresenta apenas, quando o poder está em perigo, mas também se apresenta da mesma forma para consolidar o poder.

Arendt (1985), ainda realça o perigo de considerar a violência subjetivamente ou por meio de metáforas porque, agindo dessa forma, poderíamos tratar com naturalidade ou até com banalidade



de ações violentas tanto individuais quanto coletivas. Do ponto de vista da autora, a violência como ação, meio ou instrumento provoca uma ruptura com a dominação vigente. Por isso, essa ruptura pela violência pode se tornar perigosa, se assumida como parâmetro para atingir determinados fins. Provavelmente, essa ruptura pela violência produzirá um mundo ainda mais violento.

Por fim, a violência verbal materializada pelo/no código linguageiro se apresenta nas relações históricas de dominação, nos espaços sociais, principalmente, nos discursos de forte teor argumentativo, como os debates políticos e/ou religiosos. A violência verbal, nos últimos anos no Brasil, tem se apresentado, de modo mais explícito, no discurso político proferido por autoridades públicas e potencializados pelas redes sociais.

### Questões de Análise do Discurso

A Análise do Discurso de linha francesa (AD) tem se mostrado, na atualidade, um campo bastante heterogêneo. Maingueneau (2015) propõe repensá-la, a partir de três grupos distintos de pesquisadores, que a operacionalizam, embora com essa divisão o campo de análise continue flexível, podendo um pesquisador transitar de um grupo para o outro. O primeiro grupo de pesquisadores, segundo Maingueneau (2015), visa a uma análise de ordem filosófica ou para-filosófica. Nesse grupo, as escolhas temáticas recaem sobre o poder, a diferença sexual, a subjetividade, a escritura, a dissidência, o pós-colonialismo, entre outros, cruzando, no processo de análise, perspectivas discursivas, textuais, filosóficas, feministas e marxistas.



O segundo grupo reúne pesquisadores, que utilizam a AD como “método qualitativo”, disponível na caixa de ferramentas das Ciências Sociais, a fim de terem acesso a “realidades” fora da linguagem. Essa abordagem, segundo Maingueneau (2015), pode confundir Análise do Discurso e Análise do Conteúdo. O terceiro grupo, enfim, envolve pesquisadores, que buscam manter o equilíbrio entre a reflexão sobre o funcionamento do discurso e a compreensão de fenômenos históricos de ordem sócio-histórica ou psicológica. Grande parte dos pesquisadores desse último grupo se ancora nas Ciências da Linguagem. Nesse sentido, Maingueneau (2015, p. 30) argumenta:

Quem se considera filiado à problemática discursiva associa intimamente língua (mais amplamente, os recursos semióticos disponíveis em uma sociedade), atividade comunicacional e conhecimento (os diversos tipos de saberes, individuais e coletivos, mobilizados na construção do sentido dos enunciados. Fazendo isso, a análise do discurso se distingue de outras disciplinas, que privilegiam uma só das três dimensões: os sociólogos acentuam a atividade comunicacional; os linguistas privilegiam o estudo das estruturas linguísticas ou textuais; os psicólogos enfocam as modalidades e as condições do conhecimento.

Embora o objeto da AD seja o discurso, Maingueneau (2008a) postula o primado do interdiscurso, pois ele precede o discurso e caracteriza-se por ser uma unidade de análise e um espaço de trocas entre vários discursos. Para explicar essa unidade, Maingueneau (2008a) propõe seu desdobramento teórico-metodológico em universo, campo e espaço discursivos. O universo discursivo é entendido como o conjunto de formações discursivas existen-



tes e que tornam possível o campo discursivo. Esse, por sua vez, é o conjunto de formações discursivas, que concorrem e que se delimitam entre si, em regiões do universo discursivo, formando o espaço discursivo. O espaço discursivo é um subconjunto do campo discursivo em que, pelo menos, duas formações discursivas dialogam entre si, mantendo relações privilegiadas para a compreensão dos discursos. A noção de interdiscurso é-nos fundamental, pois os discursos não nascem independentemente e depois interagem; na verdade, sua gênese se constitui no bojo do interdiscurso. O que nos importa destacar dessa unidade de análise é a possibilidade que, no discurso em interação *online* que analisamos, ele se constrói sobre um pré-construído, o discurso do ex-Secretário Especial da Cultura, Roberto Alvim.

Para além do interdiscurso, no entanto, os analistas devem, a partir de suas inquietações de pesquisa, selecionar quais são as melhores categorias que, em uma análise, contribuirão para solucionar sua problemática e explicar o fenômeno discursivo em questão.

### Categorias de Análise

O quadro teórico-metodológico desenhado por Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c, 2013, 2015) oferece instrumentos para dar conta de processos enunciativos. Dele, selecionamos as noções de cenas da enunciação e *ethos* discursivo que, consideramos adequadas para a análise da violência verbal em interação *online*. Na verdade, a noção de cenas de enunciação enquadra o evento enunciativo em três dimensões, que captam o discurso em seu modo de funcionamento em sua manifestação como ritual sociolinguageiro e com base nos lugares instituídos pelo próprio



discurso. Além disso, o conceito de *ethos* discursivo recobre não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas ligadas ao “fiador” por representações coletivas estereotípicas, pois se atribui a ele um “caráter” e uma “corporalidade”, cujos graus de precisão variam segundo os textos.

### Cenas de enunciação

Para nosso estudo, selecionamos a categoria de cenas de enunciação, pois essa categoria nos ajuda a construir a rede de efeitos de sentido possíveis no/do discurso de posicionamento político que analisamos. Para facilitar a compreensão das cenas de enunciação, apoiamo-nos em Maingueneau (2008a, 2008b, 2015), que as separa em cena englobante, cena genérica e cenografia.

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso, isto é, ao modo como ele é enquadrado, definindo o estatuto dos parceiros e esboçando um panorama temporal e espacial. A cena englobante situa as atividades discursivas nas quais os sujeitos estão condicionados sócio-historicamente. A cena genérica, por sua vez, corresponde a uma espécie de contrato associado a um gênero ou subgênero de discurso, que são instâncias definidas e “só podem ser consideradas como tais do ponto de vista do intermédio do qual se constrói a classificação” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 116). A cena englobante e a cena genérica são caracterizadas por sua condição de estabilidade, diante das condições de enunciação e marcam o espaço estável no interior do qual os enunciados ganham sentido. Há inúmeros enunciados, que se limitam nestes planos de enunciação, “essas duas ‘cenas’ definem conjuntamen-





te o que poderia ser chamado de quadro cênico do texto” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 87).

A cenografia se dá no plano da situação de enunciação instituído pelo próprio discurso e é o primeiro elemento com que um analista se depara. A cenografia é, ao mesmo tempo, origem e produto do discurso; ela legitima um enunciado que deve legitimá-la e estabelecer de onde se origina a palavra. O que valida a cenografia são os mecanismos linguísticos e o código linguageiro.

A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar, como convém, a política, a filosofia, a ciência [...]. São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar a própria cena e o próprio *ethos*, pelos quais esses conteúdos surgem (MAINGUENEAU, 2015, p. 77).

É por meio da cenografia que os enunciados se legitimam para dar voz ao sujeito na enunciação. Ela é, no entanto, mais que uma cena teatral, pois a enunciação se inscreve e legitima-se em um interdiscurso. Para Maingueneau (2008a) a cenografia e o *ethos* se inscrevem enquanto se processa a própria enunciação. O *ethos* participa intrinsecamente da cenografia, emerge dela e só por ela pode ser apreendido e legitimado. Sua escolha, no entanto, não se dá de modo indiferente; “o discurso, desenvolvendo-se a partir de sua cenografia, pretende convencer, instituindo a cena de enunciação que o legitima, pois o discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 117).



Para desempenhar seu papel, a cenografia não se comporta como um simples quadro, um elemento de decoração, como se o discurso viesse a ocupar o interior de um espaço já construído e independente dele: a enunciação, ao se desenvolver, institui seu próprio dispositivo de fala. Ela implica, desse modo, um processo de enlaçamento paradoxal e supõe certa situação de enunciação, a qual é validada por meio dessa mesma enunciação. Quanto mais o analista avança no texto, mais ele deve se persuadir de que aquela cenografia, e nenhuma outra, é a que corresponde ao mundo configurado pelo discurso (MAINGUENEAU, 2008a).

Vale ressaltar que a cenografia não é imposta pelo tipo ou pelo gênero de discurso, ela é construída no/pelo discurso. Entretanto, ela pode se apoiar no que Maingueneau (2008b, p. 92) chama de cenas validadas. Assim, pela construção da cenografia é que se estabelecem condições para enunciar como convém, considerando os lugares sociais de onde se fala, como veremos na análise. Para além dos lugares sociais e dos dispositivos linguísticos do dizer, é pela cenografia que se torna possível apreender uma imagem do enunciador por uma linguagem apropriada e validada por ele.

O enunciador e o co-enunciador estão integrados no interior da cenografia, cada qual ocupando seu lugar. Nesse sentido, podemos dizer que a cenografia consiste, então, no processo de inscrição, que envolve um enunciador e um co-enunciador, um *ethos*, um código languageiro, uma topografia e um momento de enunciação. Por isso, a noção de cenografia proposta por Maingueneau (2015) se apoia na ideia de que o enunciador organiza a situação de comunicação, a partir de onde quer enunciar, pois todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, instaura uma



cenografia que o legitima. Isto posto, no próximo tópico, tratamos do *ethos* discursivo.

### *Ethos* discursivo

O conceito de *ethos* discursivo, conforme proposto por Maingueneau (2006, 2008b, 2008c, 2015, 2016) se inscreve no quadro da AD e afasta-se da concepção aristotélica, na medida em que visa a ultrapassar o domínio da argumentação retórica e permite refletir sobre o processo mais geral de adesão dos sujeitos a um certo discurso. Para Maingueneau, a noção de *ethos* discursivo recobre não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas ligadas ao “fiador” pelas representações coletivas estereotípicas. Assim, atribui-se a ele um “caráter” e uma “corporalidade”, cujos graus de precisão variam segundo os discursos.

As discussões sobre a categoria de *ethos* em Maingueneau remonta a 1980. De lá para cá, essa noção sofreu várias reformulações em função de questões epistemológicas e de adoção de novas textualidades. Entretanto, em estudo mais recente, Maingueneau (2016) retoma suas reflexões anteriores e enquadra o *ethos* discursivo em uma perspectiva sociodiscursiva, constitutiva da enunciação e estabelecadora de interação com o co-enunciador. Como se trata de uma atitude socialmente avaliada, a manifestação do *ethos* somente pode ser compreendida em uma cenografia e em determinada condição sócio-histórico-cultural. Assim, no discurso em interação *online*, que analisamos, os sujeitos, ao se movimentarem, na cenografia, não apenas proferem enunciados, mas assumem um comportamento, uma imagem, enfim, um



*ethos*, que mostra sua identidade e seu posicionamento frente aos elementos organizadores do discurso. No percurso analítico aqui proposto, observaremos que os modos como os sujeitos enunciam, na cenografia, revelam como eles ali se constituem e o modo como se representam e projetam-se na vida social.

Na verdade, em Maingueneau (2016), compreendemos que o *ethos* discursivo é uma manifestação subjetiva, constitui-se na enunciação e engloba o *ethos* dito, sinalizado por referências diretas e o *ethos* mostrado, construído por pistas que o enunciador oferece, no funcionamento do discurso. Por esse tipo de atitude do enunciador, abre-se ao co-enunciador a possibilidade de imaginar e atribuir-lhe traços físicos e de caráter, que o corporificam, com base em representações sociais valorizadas ou não por estereótipos culturais, que são reforçados ou transformados (MAINGUENEAU, 2016). Acentuamos, ainda, que o *ethos* se define na cenografia por meio de uma construção semântico-discursiva e não por marcas psicológicas ou morais do enunciador, até porque o *ethos*, corporificado no discurso, se apresenta como uma categoria complexa, na medida em que todo ato de tomar a palavra implica a manifestação de uma imagem de si.

Para analisar os comentários da web, Maingueneau (2016) apoia-se na distinção entre *ethos* dito e *ethos* mostrado, cuja distinção é didaticamente esclarecida nas seguintes palavras

Na verdade, o *ethos* discursivo é pelo que antecede, uma manifestação subjetiva, emerge na enunciação e engloba o *ethos* dito, sinalizado por referências diretas, e o *ethos* mostrado, construído por pistas que o enunciador oferece, no funcionamento do discurso; mas que ele pode não estar explicitamente ali representado, abre-se ao co-enunciador a



possibilidade de imaginar e atribuir traços físicos e de caráter, que o corporificam, com base em representações sociais valorizadas ou não por estereótipos culturais, que são reforçados ou transformados. (MAINGUENEAU, 2016, p. 52).

Maingueneau observa que a leitura do *corpus* da web permite a distinção de três estratégias para gestar a relação entre *ethos* dito e *ethos* mostrado, são elas: “apagar do *ethos* mostrado; sustentar o *ethos* dito pelo *ethos* mostrado; estabilizar o *ethos* mostrado com ajuda do *ethos* dito” (MAINGUENEAU, 2016, p. 18). E conclui que, nos comentários do site de relacionamento, associam-se dimensões verbal e icônica para a construção de uma cenografia dupla: verbal e digital; por isso, um *ethos* verbal e um *ethos* digital.

### Comentários de usuários no vídeo do ex-Secretário Especial da Cultura veiculado no *Youtube* pelo canal *Poder360*: violência verbal e discurso político

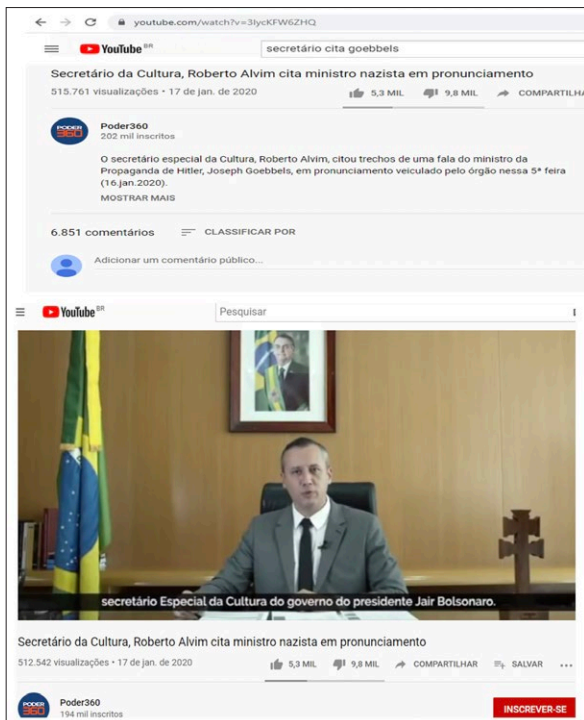
Para alcançarmos os objetivos a que nos propusemos, constituímos um *corpus*, composto de comentários ao discurso do Ex-Secretário Especial da Cultura, Roberto Alvim, veiculado pelo canal no *Youtube* do jornal digital *Poder360*, em 17 de janeiro de 2020, que nos permitem analisar a violência verbal com posicionamento político. O discurso de Alvim foi veiculado pelo canal no *Youtube* do jornal digital *Poder360*, e teve grande repercussão na mídia, tamanha a quantidade de visualizações que o vídeo recebeu, chegando, no momento da coleta, que fizemos, a 515. 761 mil. É bem verdade, quando Maingueneau (2008c) afirma que as redes sociais operam como uma prática intersemiótica e articulam marcas



enunciativas, cujos efeitos de sentido são negociados, visando ao compartilhamento e à interação dos sujeitos conectados.

Integrados à problemática das condições sócio-históricas de produção do *corpus* que selecionamos, ressaltamos que o Brasil, desde o período de campanha eleitoral de 2018, tem vivido embates políticos, principalmente, nas redes sociais. É nesse cenário polarizado que Alvim, Ex-Secretário Especial da Cultura, faz um vídeo sobre a nova ordem, que vai direcionar as políticas culturais do país e que suscitou comentários de posicionamentos políticos com marcas de violência.

Figura 1 – Post inicial do canal *Poder360* no Youtube



Fonte: acervo particular dos autores



O post inicial do canal *Poder360* no *Youtube* traz a informação que o Ex-Secretário Especial da cultura, Roberto Alvim, cita Ministro nazista em discurso e observa que o fundo musical escolhido foi o prelúdio de uma ópera do alemão Richard Wagner, compositor preferido de Hitler. O jornal digital, cumprindo os princípios, que regem a imprensa brasileira, veiculou no seu canal no *Youtube* apenas a informação que, no discurso, o ex-secretário plagia um recorte do discurso nazista, não emitindo opinião a respeito, a fim de caracterizar a imparcialidade do jornalismo informativo.

Transcrevemos, a seguir, o recorte do discurso de Alvim, que contém a cópia do fragmento do discurso do Ministro nazista:

A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional, será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional, e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo – ou então não será nada (PODER360, online).

O vídeo no *Youtube* divulga e faz propaganda da nova perspectiva política, que vai direcionar os projetos culturais, os quais participarão das políticas públicas de incentivo à cultura. Depois de um discurso, com expressivo posicionamento de direita e com apelo propagandista, engendrado interdiscursivamente sob um ponto de vista nazista, Alvim pontua que por esse viés o Governo Federal planeja lançar alguns prêmios nacionais de fomento à arte. O vídeo divulgado no *Youtube* teve 5,3 mil marcações positivas (gostei) e 9,8 mil negativas (não gostei), e 6.851 comentários. Entre os comentários com mais respostas reativas e que obtiveram mais marcações de positivas e negativas, selecionamos quatro comentários (Figura 2.2), aqui assumidos como discurso,



nos quais o propósito político se marca como uma estratégia discursiva de construção da violência verbal, constituindo, por conseguinte, dois conjuntos de interação *online*.

O cenário em que se encenam os discursos é a própria cenografia da rede social, em que se destacam os botões de “gostei”, “não gostei” e “responder”, índices da linguagem hipermidiática, que se abre a diferentes maneiras de interagir. Assim, para análise da cenografia e do investimento no código linguageiro e no *ethos* discursivo, consideramos tanto o comentário que deu início a interação quanto os comentários reativos, verificando a característica dialógica da comunicação. Como procedimento analítico, observamos como o posicionamento político engatilha a violência nos discursos reativos e destacamos suas marcas, visando a realçar o papel de estratégias linguístico-discursivos de violência e os deslizos do discurso da mídia.

Examinemos agora o discurso colhido da interação *online*, conforme figuras 2.1 e 2.2, abaixo.

Figura 2.1 – Interação no *Youtube*

**D1** [Redacted] 2 meses atrás  
 Não é possível, se não tivesse visto isso não acreditava. Para onde estamos indo cara?  
 👍 177 🗨️ RESPONDER

▲ Ocultar 41 respostas

**E1** [Redacted] 2 meses atrás  
 Eu também faço a mesma pergunta! Em que buraco nos enfiamos?  
 👍 10 🗨️ RESPONDER

**D2** [Redacted] 2 meses atrás  
 para ditadura,afinal votaram no homem né??  
 👍 13 🗨️ RESPONDER

**E2** [Redacted] 2 meses atrás  
 [Redacted] Ditadura? Kkkkkkkkk se quisesse ditadura já tinha fechado os dois poderes que só atrapalham e censurado a mídia! Sem conta que ele foi demitido por esse pronunciamento. Não fala merda, se informa um pouco.

Fonte: acervo particular dos autores





Figura 2.2 – Continuação da interação no Youtube

**E2** [redacted] 2 meses atrás (editado)  
 [redacted] mia querida, eu não apoio fechamento de congresso eu falei que os dois poderes só atrapalham, eu expliquei e fiz uma crítica na mesma linha mas não relacionei uma coisa a outra. E eu "apoia presidente Nazista", que presidente nazista? Eu apoio o Bonoro não presidente nazista, e nem existe isso Kkkkkkkkkk ta sobre efeito de alguma coisa, precisa de ajuda?

👍 🗨️ RESPONDER

**E1** [redacted] 2 meses atrás (editado)  
 [redacted] democracia só funciona com os 3 poderes, se você acha que dois é inútil, então você não é democrático e um poder só é ditadura, fascismo....  
 Sim, o seu bonoro é nazista como ele mesmo já se mostrou apoiando fechar congresso, ditadura militar, fascistas, torturadores e colocando um secretário nazista no seu governo, mas sei que você vai ficar passando pano para o seu nazista de estimação, escreve uma coisa, mas não assume a ideologia que defende, não assume que é fascista, típico de bolsominions, covardes, não sei porque eu perdi meu tempo com pessoas do seu nível, que defende o indefensável  
 Mostrar menos

👍 🗨️ RESPONDER

**E2** [redacted] 2 meses atrás (editado)  
 [redacted] vc só fala merda, não sabe nem o que é nazismo ou fascismo! Sendo que o judiciário tem práticas evidentemente fascistas enquanto o bonoro tem o que além de afirmações? Os mesmo dois poderes que o PTsinho comprou e meteu seus tentáculos lá é o mesmo o que vc defende, não é de se esperar menos de esquerdiXA. Não sabe o que é Nazismo e ainda compara o Bonoro a Nazista, sem ter NENHUMA PRÁTICA nazistas kkkkkkkkkkk como sempre, me bato com papagaios como vcs da esquerda todos os dias repetindo as mesmas desinformação sem saber ou até mesmo por pura má fé, só porque tem birra do bonoro.  
 Pelo amor de Deus ne, não soube nem interpreta meu texto DE NOVO!

**E1** [redacted] 2 meses atrás (editado)  
 [redacted] claro, tem que esperar ele fazer na prática o nazismo para pode-lo clama-lo de um, enquanto ele não matar milhões não é o suficiente... Você é um ser desprezível, bolsonazis são a escória desse país, seres repugnantes e ainda por cima não são homens suficientes para assumirem a merda que seguem e são

👍 🗨️ RESPONDER

Fonte: acervo particular dos autores

O comentário inicial (D1) trata de um ponto de vista desacreditado do discurso de Alvim, anunciando um futuro incerto com uma interrogação (*para onde estamos indo, cara?*). Em seguida, outro enunciador, colocando-se na mesma situação de dúvida, caracteriza o futuro anunciado, no primeiro enunciado, como um presente desconhecido e negativo (*em que buraco nos enfiaremos?*). O primeiro enunciador, incentivado pela concordância do segundo, define o futuro político da nação brasileira (*para dita-*



*dura*), pois votaram no presidente militar, que defende alguns antecessores políticos que governaram o Brasil. Esse comentário dá início a interação que analisamos (Figura 2.2) entre o enunciador 1 (**E1**) e enunciador 2 (**E2**).

A primeira observação que destacamos, na interação *online* selecionada (Figura 2.2), é a cenografia de debate instituída entre **E1** e **E2** e o espaço discursivo onde se posicionam. Esses recortes remetem-nos a uma interação maior, proposta na cenografia anterior; por isso, o enunciado produzido por **E1** soa como uma resposta ao que **E2** comentara. Os dispositivos de comunicação política de ambos os enunciadores vão organizando a cenografia e orientando-a, na medida em que um enunciador se enuncia como defensor de um posicionamento de direita e outro, de esquerda. Assim, **E1** constrói para si uma imagem alinhada ao espectro político de direita, ao olhar de **E2**, enquanto esse, uma imagem mais alinhada ao de esquerda. Trava-se, por conseguinte, um embate político-ideológico antagônico, que se constrói por meio do investimento no *ethos* e em códigos languageiros específicos, tais como, *democracia, poderes democráticos, autoritarismo, ditadura, nazismo, fascismo*.

Uma cenografia de embate político se instala, no discurso, e nela, de modo implícito e explícito, surgem desavenças e discussões, que vão se instaurando discursivamente. **E1** e **E2** recorrem a códigos languageiros de proteção da própria imagem e a estratégias de ataques velados ou não à imagem do outro. Considerando o *Youtube* como lugar enunciativo dos interactantes em diálogo, esse espaço faz com que os sujeitos **E1** e **E2** se sintam representados socialmente, pois cada um deles manifesta uma sociedade polarizada politicamente. Os posicionamentos políti-



cos, que expressam, indiciam que os discursos de direita estão em constante conflito com os de esquerda, devido à divergência de atitudes entre extremos ideológicos. Parece-nos, em decorrência disso, que o discurso construído pelo enunciador político engatilha a violência verbal e funciona como interdiscurso no discurso que analisamos. Ou seja, o discurso de Roberto Alvim funciona como matéria-prima, estabelece laços deflagradores do comportamento de **E1** e **E2**, suscitando acatamento ou repulsa, exteriorizando violência.

Na primeira interação do recorte (Figura 2.2), **E1** constrói uma defesa de si e do posicionamento político de direita, introduzindo sua resposta com tom de ironia (*mia amiga*), e prossegue com uma explicação, para reafirmar sua opinião e investir na desconstrução do *ethos* mostrado por **E2**, que julga equivocado. Desvelando, na cenografia, a defesa de si e do posicionamento político de direita, **E1**, por meio de uma procedimento discursivo-expressivo, propõe um questionamento, mas ele mesmo o responde, ao defender, primeiramente, a si mesmo (*eu apoio Bolsonaro não presidente nazista*) de uma acusação violenta de **E2**. Nesse ponto, ele diz e mostra um *ethos* discursivo, cuja manifestação linguística coaduna com o eleitor de Bolsonaro, afirmando seu papel social e comprometimento político de direita, negando, por conseguinte, seu apoio a qualquer presidente nazista. Desse antagonismo entre eles, **E1** recorre a uma ironia expressiva oral (*kkkkkkkkkk*), para negar a existência do nazismo. De certa forma, para sustentar seu posicionamento, **E1**, novamente, com marcas explícitas de violência verbal, interpela **E2** com uma suposição acusatória (*usuário de alguma substância alucinógena*), induzindo, de modo evidente, que entre os políticos de esquerda es-



taria a liberação das drogas; por isso, **E2** precisaria de ajuda, ou seja, de uma internação.

Verificamos que o discurso político na cenografia analisada resulta de uma apropriação do discurso político anterior, caracterizado como um interdiscurso e que, devido à polaridade política existente, no Brasil, os discursos políticos se engatilham para uma escalada sem precedentes de violência verbal, como observamos, a seguir, na resposta **E2** a **E1**.

**E2** começa a seu discurso, assumindo a defesa da democracia e criticando qualquer possibilidade de raciocínio democrático, que não considere os três poderes como necessários ao Brasil. Com essa atitude enunciativa, **E2** mostra um *ethos* discursivo antidemocrata de seu co-enunciador. Afirma, também, que o posicionamento político de direita, declarado por **E1**, com o apoio a Bolsonaro, está em consonância às atemorizantes decisões do presidente, inclusive à nomeação de um nazista para a Secretaria Especial da Cultura. Desse modo, a associação entre posicionamento político de direita e nazismo não somente reforça o ataque feito anteriormente, como também cria para **E2** um *ethos* de conhecedor da democracia.

A cenografia revela, ainda, que **E2** apreende como dúbio o *ethos* mostrado por **E1**, que não assume seu posicionamento político de direita. Além disso, seus enunciados ostentam marcas de violência verbal, materializadas por meio de códigos linguageiros do campo político (*não assume que é fascista, típico de bolsominions, covardes*), generalizando os apoiadores e reforçando o motivo de falta de coragem de **E1** para se mostrar. Como o *ethos* mostrado resulta de uma enunciação sociolinguageira, ele depende dos julgamentos que **E2** faz de **E1**, ao enunciar *não*



*sei porque perdi meu tempo com pessoas de seu nível, que defende o indefensável*, desqualificando-o em sua postural, intelectual e de posicionamento político insensato, despropositado.

Nestes dois primeiros recortes, **E1** e **E2**, movimentam a cenografia e investem no código linguageiro e no *ethos* discursivo, que materializam traços de uma briga, com xingamentos (*covardes*) e outros indicativos verbais de posicionamento político ofensivo (*fascista, nazista, torturador; bolsominions*). Além disso, a violência ultrapassa o código linguageiro, para associar o dizer e o dito e para se manifestar pelos recursos expressivos, como ironia (*mia querida*), procedimento de escárnio oral (*Kkkkkkkkkk*); com sinalizadores de atitudes reprováveis (*passar pano; nazista de estimação; não assume a ideologia que defende; não ser democrático*); e com o emprego de expressões, que desqualificam o outro (*tá sobre efeito de alguma coisa; precisa de ajuda? pessoas do seu nível; defende o indefensável*).

O ataque de **E2** se justifica, na medida em que visa a construir um *ethos* de **E1** como alguém que é acrítico, que não preza pela democracia e que, por se aliar ou defender um ator político (*seu bonoro*), declara-se antidemocrático, partilha dos ideais autoritários de restrição de liberdade e de tortura, mas que dissimula ou não tem coragem de assumir explicitamente tais atitudes. Assim, o ataque de **E2** funciona como uma estratégia para a construção de um *ethos* positivo de si e, ao mesmo tempo, de um *ethos* negativo de **E1**.

Cabe salientar que **E1** e **E2**, constituídos na cenografia, se legitimam ao responder a ataques perversos, evidenciados nos enunciados. Enquanto **E1** tenta construir uma imagem de si de democrata (*não apoio o fechamento do congresso, não [apoio]*



*presidente nazista*), de crítico e didático (*eu expliquei, fiz uma crítica na mesma linha*), **E2** constrói para si, pelas condições de seu próprio dizer, um *ethos* de equilibrado e coeso, ocupado (*perdi meu tempo com pessoas de seu nível*).

Na verdade, esses dois primeiros recortes se legitimam, criando um enlaçamento, que nos permite observar uma sociedade violenta, cuja característica se marca, na cenografia instaurada por **E1** e **E2** que, de certa forma, representam e justificam as condições que as instâncias políticas impõem sobre eles e outros indivíduos. Por isso, “a cenografia é a origem do discurso e aquilo que engendra esse mesmo discurso” (MAINGUENEAU, 2008b, p.153).

A violência verbal continua nos últimos enunciados do recorte (Figura 2.2) e expressa, na cenografia, uma escalada de animosidade, tornando o embate mais acirrado. No início desse recorte, **E1** dirige-se a **E2** (*você só fala merda*), na tentativa de deslegitimar seu discurso, ofendê-lo e provocá-lo. Com o intuito de apagar o *ethos* mostrado por **E2**, construído, anteriormente, **E1**, ainda, devolve a acusação de defesa de fascismo a **E2**, interpretando-o como defensor do poder judiciário que, para **E1**, executa práticas fascistas. Fascismo e nazismo são códigos linguageiros do campo histórico e político e carregam uma carga de violência, rejeitada socialmente; por isso, a incidência de investimento linguístico-discursivo por parte de **E1** e **E2** é tomada aqui como violência verbal.

Na sequência, **E1** passa a desvelar, na cenografia, um ataque ao posicionamento de esquerda, que caracteriza **E2**, ao ressaltar que os dois poderes criticados por ele e defendidos por **E2** foram comprados pelo Partido dos Trabalhadores, que esteve no poder até 2016 (*Ptsinho*). O emprego de PT, com sufixo de diminutivo,



nesse momento, não se relaciona ao tamanho do partido, mas é um procedimento expressivo irônico, ao expressar afetividade. Indica que a relação entre as partes, defensor e defendido, não é racional ou objetiva, fazendo com que aquele que faz a defesa não observe os erros ou os problemas daquilo que defende, como a prática imoral de compra de sentenças que, de acordo com **E1**, só se pode esperar de um defensor dos posicionamentos de esquerda (*esquerdiXA*).

No último enunciado do recorte, **E2**, objetivando desvalorizar o *ethos* de **E1**, mobiliza a cenografia com marcas e mecanismos linguístico-discursivos, que caracterizam explicitamente a violência objetiva simbólica. A violência verbal se explicita para caracterizar **E1**, expressando seu posicionamento político de direita e todo o grupo político apoiado por ele como: *ser desprezível; escória deste país; seres repugnantes; não são homens suficientes; são merdas*.

Assim como na primeira interação *online*, nas demais, a violência se dá, também, em vários níveis: por investimento no código linguageiro, materializado em xingamentos e palavras xulas (*merda, desprezível, escória, repugnantes*) com neologismos que associam uma posição política a um aspecto pejorativo (*esquerdiXA, bolsonaz*); com escárnio oral (*kkkkkkkkkkkk*). Tais mecanismos podem ser verificados em marcas linguístico-discursivas, que ofendem a imagem do enunciador **sapiente** (*fala merda, não sabe o que é nazismo ou fascismo, papagaios, repetindo as mesmas desinformações sem saber, não soube nem interpretar*), **honesto** (*por pura má fé*), **maduro** (*tem birra*). Também há hostilidade à associação e entidades, que praticam atos ilícitos (*o PTsinho comprou e meteu seus tentáculos lá é o mesmo que você*



*defende; enquanto ele não matar milhões não é suficiente)* e no ataque à masculinidade (*não são homens suficientes*).

A cenografia instituída discursivamente, desvela um *ethos* animalesco de **E1**, a partir da associação com o nazismo, que vai de ser desprezível, para escória, algo repugnante e, ainda, não ser homem, mas merda. **E2** constrói um *ethos* de **E1**, visando a rebaixá-lo a um *status* de não-humano, de inferioridade. Ao fazer isso, **E2** reforça para si um *ethos* de lógico, democrático, equilibrado. Em oposição, **E1** busca construir um *ethos* de alguém que conhece as ações dos poderes da República, que sabe identificar os conceitos históricos e políticos e que defende a democracia, na figura do presidente injustiçado.

O debate, a briga, a celeuma, a discussão são os espaços de tensão nos quais esses tipos de argumento se desencadeiam, escalonam-se e acontecem. A cenografia de uma discussão ou de um debate público é reforçada pelas características do *Youtube*, uma plataforma aberta e pública. O *Youtube* tem baixa restrição às manifestações, ou seja, a rede digital reporta-se, por meio da cenografia digital e, pelo interdiscurso, aos debates em praça pública, às defesas políticas de posicionamentos antagônicos, que aconteciam na ágora e que acontecem nas câmaras, atualmente. No entanto, os discursos que compõem esse novo espaço, essa ágora digital, apesar de terem como base o discurso político, são de ataque violento direto e velado - simbólico e sistêmico (Bourdieu, 2001).

Podemos afirmar que o discurso político é o gatilho para a interação violenta entre os interactantes que, durante as interações, potencializam o uso de marcas linguístico-discursivas de violência verbal, objetivando o ataque à imagem do Outro e





de seu posicionamento. A violência, sem pedidos de desculpas, sem tentativas de modalização, sem nem mesmo um retorno do Outro exigindo respeito, ou questionando o tom do argumento, pode ser vista com ar de normalidade, pois faz parte da interação cotidiana. Dessa forma, apoiados em Cabral & Albert (2017, p. 278), podemos confirmar que a violência verbal, como atribuição de transgressão moral pelos interactantes, funciona como uma ferramenta de ataque/ desvalorização da imagem que o Outro e, também, como um recurso de constituição do próprio *ethos*. Em certa medida, não há descontinuidade entre ser violento e os demais valores defendidos, como sábio, democrático, equilibrado etc., retornamos para o mito do bom-selvagem.

### Considerações finais

Neste artigo, optamos por examinar, sob o aporte teórico-metodológico da AD, comentários de usuários em interação *online*, que apreendemos como discursos. O discurso analisado manifesta um posicionamento político e foi construído, levando em conta o discurso proferido pelo Ex-Secretário Especial da Cultura do presidente Jair Bolsonaro, Roberto Alvim. No percurso desse trabalho, problematizamos o tema, resgatamos as condições sócio-histórico-políticas de práticas sociais, com o intuito de reunir elementos para apreensão dos efeitos de violência verbal, materializada em comentários postados no *Youtube* pelo canal *Poder360*. Em seguida, abordamos a violência verbal em práticas sociais da mídia, colocando em foco esse fenômeno, que ronda nossa sociedade, principalmente, nas redes sociais em atividades de interação. Observamos, ainda, que esse *status* nas práticas so-



ciais contemporâneas justifica o uso dessa plataforma nos estudos do discurso, de modo particular, o político.

Ao selecionarmos o constructo teórico-metodológico para fundamentar a análise, verificamos que a AD tem se mostrado, na atualidade, um campo bastante profícuo no campo da Linguística e da Comunicação, na medida em que nos permite um olhar crítico e politizado sobre as práticas sociais, como o discurso político na mídia. Embora Maingueneau (2015) proponha repensá-la, com base em três grupos distintos de pesquisadores, que a operacionalizam, sua proposta visa a torná-la mais flexível e aberta a novas textualidades. A análise empreendida permitiu-nos compreender o discurso selecionado como uma polifonia enunciativa, construída em torno de uma cenografia política. Ela mobilizou, por meio de códigos languageiros específicos, um *ethos* discursivo dos interactantes em interação *online* e possibilitou-nos considerar o discurso político do Ex-Secretário Especial da Cultura, Roberto Alvim, como um interdiscurso, deflagrador de violência verbal.

Por fim, resta-nos acrescentar que, ao trazermos para discussão a violência verbal em discurso de posicionamento político, com base na AD, fica-nos claro a necessidade urgente de outras discussões e, principalmente, de mudanças éticas em nossa sociedade, considerando o papel da mídia no que diz respeito ao comportamento dos sujeitos em interação *online* e em outras práticas discursivas da mídia.



## Referências

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estud. CEBRAP*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, abr. 2019. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=SO10133002019000100010&lng=en&nr-m=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO10133002019000100010&lng=en&nr-m=iso) >. Acesso em: 18 mar. 2020.

ARENDT, Hannah. *Da violência*. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

BATISTA, Lucineia de Fátima Sena. *Jovens Youtubers: processos de autoria e aprendizagens contemporâneas*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CABRAL, A. L. T.; ALBERT, S. A. B. Quebra de polidez na interação: das redes sociais para os ambientes virtuais de aprendizagem. In: CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F. (org.). *Descortesia e Cortesia: expressão de culturas*. São Paulo: Cortez, 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2015.

DANTAS, Tiago. Youtube. *Brasil Escola*. Online. Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm> >. Acesso em: 26 fev. 2020.

LEMO, A. *Cibercultura*. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. *Revel, Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. v. 4, n. 6, março de 2006.



MAINGUENEAU, Dominique. A Análise do Discurso e suas fronteiras. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, 2007a, pp. 13-37.

MAINGUENEAU, Dominique. Leituras e quadro hermenêutico. *Filologia Linguística Portuguesa*, n. 9, 2007b, pp. 279-292.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Sírio Possenti & Maria Cecília Péres Souza-e-Silva (Orgs.). São Paulo: Parábola, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana (Orgs). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008c, pp. 11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução Cecília P. de Souza & Délcio Rocha. 6º ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Retorno crítico sobre o *ethos*. In: BARONAS, Roberto Leiser et al. (Orgs). *Análise do Discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes*. Campinas, SP: Pontes, 2016. p.13-33.

STOPPINO, M. Autoridade. In: BOBBIO, N. (Org.). *Dicionário de política*. Brasília: UnB, 1998. pp.1291-1298.

ZIZEK, Slavoj. *Violência*. São Paulo: Boitempo, 2014.

Recebido em: 17/02/2022

Aceito em: 20/04/2022